1.º ANNO — Sabbado, 9 de maio de 1908 — Numero 12

O DEMOCRATA

ORGÃO SEMANAL DO PARTIDO REPUBLICANO NO DISTRICTO DE AVEIRO

DIRECTOR E REDACTOR
DR. ANDRÉ DOS REIS

REDACÇÃO—Rua Direita n.º 40

REDACTORES
Albano Coutinho, Dr. Fernandes Costa e Dr. Samuel Maia

ADMINISTRADOR
BERNARDO TORRES

ADMINISTRAÇÃO—Praça do Commercio

ASSIGNATURAS

Anno (Portugal e colonias)	1$200 réis
Semestre	600 »
Trimestre	300 »
Avulso	30 »

Propriedade da Empreza d'O DEMOCRATA

Composto e impresso na Typ. Minerva Central de José Bernardes da Cruz

RUA TENENTE REZENDE—AVEIRO

ANNUNCIOS

Por linha	20 réis
Repetições	15 »

ANNUNCIOS PERMANENTES, contracto especial.

O QUE, SEGUNDO A RELIGIÃO, SEJA UM REI

As «pessoas que têm que perder» e que concomitantemente são mui «pessoas religiosas» não lhes fica mal o saberem o que é que a religião ensina que seja «um rei».

E hoje, solemne dia religioso, é então dia azado para que o aprendam. E aprendelo-ão lendo na *Biblia*. Em portuguez, na traducção do padre Antonio Pereira de Figueiredo, que lhes sirva, em o tomo V (que contém o I e II Livro dos Reis), capitulo VIII, cujo sumario é este: «Constitue Samuel a seus filhos por Juizes de Israel. Pedem os Israelitas ao Senhor *um Rei*. Samuel lhes representa *o direito do Rei*. Elles *ainda assim* persistem na sua petição.»

Na prefacção dos quatro livros dos Reis ensina o padre Antonio Pereira de Figueiredo que «entre os hebreus estes quatro Livros não fazem senão dous. E aos primeiros dous chamam elles o *Livro de Samuel*».

Com effeito, eis aqui o Tomo 1.º da *Biblia*, traduzida do texto original pelos membros do rabinato francez sob a direcção do snr. Zadoc Kahu, grão-rabino, publicado em Paris em 1899. E eis-nos no capitulo VIII do I de Samuel.

Vejamos:

«Quando Samuel se fez velho, confiou a seus filhos o governo d'Israel. O seu filho mais velho chamava-se Joel, e o chegante Abya; exerciam o governo em Bersabée. Mas seus filhos não lhe caminhavam nas pégadas, buscavam o lucro, aceitavam dadivas corruptoras e falsificavam a justiça. Por isso, todos os anciãos d'Israel se reuniram, foram ter com Samuel a Roma, e disseram-lhe: «Vês tu, tu estás idoso, e os teus filhos não te seguem as pégadas; dá-nos, portanto, um rei para nos governar, como os tem todos o povos.» Coisa foi essa que desgradou a Samuel ouvil-os dizer: «Dá-nos um rei para nos governar»; e dirigiu uma oração ao Senhor. Mas o Senhor disse a Samuel: «Cede á voz de esse povo, faze o que elles te dizem; não é a ti que elles rejeitam, é a mim-mesmo, que elles já não querem para seu rei». Assim como constantemente têm procedido depois que eu os tirei do Egipto até hoje em dia, abandonando-me para servir deuses estrangeiros, assim egualmente estão procedendo agora perante teus olhos. Cede, pois, á voz de elles, não todavia sem os advertir e lhes expôr os procedimentos do rei que os governará».

«Samuel referiu todas as palavras do Eterno ao povo que lhe tinha pedido um rei; e disse-lhe: «Vou-vos dizer como é que procederá o rei que vós quereis ter: aos vossos filhos: tomal-os-á elle para os empregar em seus carros de guerra, na sua cavallaria e fal-os-á correr na frente do seu coche; fará d'elles officiaes de mil, officiaes de cincoenta; forçal-os-á a lavrar, a colher para elle, a fabricar suas armas e os aprestos de suas carruagens. As vossas filhas, exploral-as-á para a preparação dos perfumes, para a sua cosinha e para o seu pão. Os melhores dos vossos campos, dos vossos vinhedos e das vossas plantações d'oliveiras, tomal-os-á elle para os dar a seus famulos. Cobrará decima dos vossos grãos e das vossas vinhas, para a dar aos seus cortezãos e aos seus escravos. Os vossos servos e as vossas servas, e o escol de vossos mancebos, e vossas cavalgaduras, deitará mão d'elles para os empregar em seus trabalhos d'elle. Cobrará decima do vosso gado miudo, *e vós-mesmos haveis de vir a ser os escravos d'elle*. Então haveis de vos lamentar e chorareis com motivo d'esse rei que desejastes; mas o Eterno n'esse dia não attenderá a vossas lastimas.»

«O povo recusou acceder á voz de Samuel, e respondeu: «Não, não; precisamos de um rei. Queremos ser como os outros povos, tambem nós; e o nosso rei julgar-nos-á, marchará á nossa frente, e combaterá comnosco!»

«Samuel, havendo ouvido todas as palavras do povo, foi de ellas dar conta ao Senhor. O Senhor disse a Samuel: «Deferelhes o pedido que fazem, e dá-lhes um rei.» E Samuel disse aos delegados d'Israel: «Que cada um de vós volte para a sua cidade!»

Este, é o capitulo VIII do Primeiro Livro de Samuel, assim chamado em hebraico, ou dos Reis, Testamento Velho, que, segundo a Vulgata latina, o padre Antonio Pereira de Figueiredo traduziu em nosso portuguez.

A enumeração que Samuel faz de todas as tiranias com que um rei se caraterisa exercendo-as sobre o seu povo parece provar, aos olhos de Voltaire, que Huet, ou Hut, poderia estar de bom aviso pensando que Samuel pretendia inspirar ao povo horror pela realeza; e adita que Arbuthnot é categorico. Samuel, dissera este, *conatur evincere reges fieri non jure divino, sed jure diabolico*.

Mas, esforçando-se por convencer o povo de que os reis são feitos não por direito divino mas por direito diabolico, Samuel não falla por sua bocca propria, porém sim pela do Eterno.

E não se póde alegar imperfeição de traducção, porque todas as versões, antigas e modernas, d'estes e d'aquelles, concordam no essencial.

Como se sabe, ha modernissimamente em francez, uma traducção nova da *Biblia*, com introducções e commentarios, prestigiosissima. E'a feita por Eduardo Reuss, professor na Universidade de Strasburgo.

«Os procedimentos do rei, traduz Reuss por «a regra do rei» e em nota explica que a *regra* do rei é o que nós hoje em dia chamamos a autocracia e o despotismo, em opposição com um governo constitucional. Ainda que até alli os israelitas se tinham governado democraticamente e na mais absoluta independencia de uns para com os outros. Querem uma organisação mais forte, comprar-a-ão á custa da propria liberdade: eis o que se lhes diz no ponto-de-vista politico; querem estar melhor preparados para a aggressão contra o extrangeiro: sacrificarão por esse motivo os elementos da civilisação *religiosa* e moral que os prophetas esperavam assegurar-lhes por outros meios. Entende Reuss, portanto, que essa palavra de *regra* menos marca um principio do que um facto tirado da experiencia.

Como quer que seja, o que importa é o que,a seguir,explana Reuss e vem a ser que: «Quem diz rei diz amo e senhor, e entrega o futuro ao dominio da espada; o direito commum sossobra perante a vontade do despota; este acaba por ser o unico senhor e proprietario. Com a monarchia e pela monarchia, o povo, que deseja um rei, sacrifica os elementos de uma civilisação moral e *religiosa*.»

Que «as pessoas que teem que perder» e são mui «pessoas religiosas» reparem, pois, no que a religião lhes ensina. E é, a este respeito, que os que querem um rei acabarão por ser os escravos d'esse rei, que lhes sujeitará a liberdade e lhes devorará a propriedade. (I *Samuel*, cap. VIII). Verifiquem por seus olhos.

BRUNO.

(*Voz Publica*).

Por que seria que os monarchicos graduados não se encorporaram na *grande* manifestação nocturna? Ah, senhores, ou se é monarchico ou não! E nem um viva, sequer, ao rei e á familia real se fez ouvir no largo!... Hão de confessar que é triste!

LISBOA, 5 de maio

A monarchia está tuberculosa no ultimo grau, tem-se dito algures.

Não ha duvida que assim é.

Ninguem ignora que esta maldita doença, é geralmente alimentada por... excessos.

Ora a monarchia excedeu-se; d'ahi o enfraquecimento progressivo dos seus nervos.

Por vezes, agora, falta-lhe o ar, sendo chamados a cada momento os melhores Esculapios da Familia...

Mais uma injecção de «sangue alheio» e ella, respira de novo.

Vive—matando.

Vive? não! Agonisa lentamente, com rapidas esperanças de cura,que se convertem, de seguida,em longas ameaças de morte.

No entanto, se alguem lhe pergunta pela saude, responde invariavelmente: Isto agora vae bom! Muito bom mesmo!

E' que, habituada a enganar-se, chegou a julgar-se a antithese do que na realidade é!

Agora, por exemplo, está ella mais forte que nunca—assim o diz—pensando unicamente em regressar ás orgias antigas.

Que isto de perdularismo inocula-se de tal fórma numa pessoa, que se torna imprescindivel.

Um alcoolico, por exemplo, é capaz de dar a vida por uma botija de genebra.

Assim, a monarchia, jogará a existencia por um minuto a mais de—Poder.

Que ninguem se illuda; a monarchia está perigosamente enferma e ninguem ignora que um enfermo, é regra geral—um despota.

Soffre por vêr os outros cheios de vida; e o seu maior prazer seria vêr todos doentes.

Para fingir saude engana-se, abusando das suas parcas forças.

De caldos de gallinha passa a sardinhas assadas...

E' o absurdo constante! A loucura, o delirio!

E' metter os pés pelas mãos! E' dar com a cabeça pelas paredes, como diz João Chagas.

Ora, para um doente irremediavelmente condemnado a morrer, mais dia menos dia, e que de nenhum proveito lhe serve a vida artificial, que se lhe dá, o melhor remedio é—abreviar-lhe a morte.

IGNOTUS.

O 7.º CONGRESSO

DO

Partido Republicano

Terceira sessão

Começa ao meio dia de domingo, 26, com a presidencia do dr. Duarte Leite até á chegada do sr. dr. Augusto de Vasconcellos, lente da escola medica de Lisboa.

Resolve-se saudar os congressos de instrucção primaria e livre pensamento.

O snr. Albano Coutinho, a quem o snr. presidente por engano chama doutor, affirma que não é doutor, fazendo rir a assistencia, e propõe um voto de saudação ao Gremio Republicano do Rio de Janeiro.

O nosso delegado, sr. Alberto Souto, apresenta uma proposta sobre

Questão social e legislação operaria

O partido republicano português, reunido no Congresso de Coimbra, reconhece que, apezar de a presente situação politica exigir toda a sua actividade, todas as suas atenções e toda a sua inergia, pois atravessa um momento talvez decisivo para a causa que directa e immediatamente advoga—a rehabilitação nacional pela implantação da Republica—não póde deixar de prestar ao problema social um particular cuidado.

Porquanto, possuindo o seu programma uma tam vasta concepção sociologica e tendo um campo tam aberto para os progressos sociaes, e sendo o partido republicano português, um partido tam incontestavelmente democratico onde todo o povo e em especial as classes laboriosas teem a sua verdadeira, consciente e livre representação, e tendo o partido sempre em vista o levantamento intellectual e economico dessas classes, a expressão consciente e livre da sua vontade e dos seus interesses, não póde deixar de tirar ao debate meramente politico, algum tempo, para o dedicar a tam momentoso e importante assumpto, que é duma constante actualidade, tanto mais que as questões suscitadas pela situação injusta dos trabalhadores e pelas suas justissimas revindicações, sam tam elevadas, complexas e graves que exigem um estudo profundo e sério, estudo em que um partido democratico e popular, que espera ser governo, como o é o partido republicano, não póde deixar de fazer.

O partido republicano português, reconhecendo, pois, que é de todo o dever e justiça, e que é, além disso uma imprescindivel necessidade a integração do proletariado na completa vida social para o aperfeiçoamento das sociedades futuras, resolve já—nomear dentre os seus membros uma commissão para estudar os meios praticos e immediatos de melhorar a condição economica e moral das classes humildes, commissão que apresentará as suas conclusões e o resultado dos seus trabalhos no futuro proximo congresso annual do partido republicano.

E' aprovada por aclamação e o snr. dr. Brito Camacho propõe para essa commissão o snr. dr. João de Menezes. O snr. dr. Augusto de Vasconcellos, diz que o snr. Alberto Souto deve fazer parte da commissão. O nosso delegado declina no snr. dr. Magalhães Lima, de quem faz o elogio. E' aclamado ainda o sr. dr. Duarte Leite e o snr. dr. Arthur Leitão propõe que se agregue Bazilio Telles.

O snr. dr. Bernardino Machado expõe os motivos por que resolvera demittir-se de membro do Directorio. Por circumstancias que todos conhecem, por algum tempo pesou sobre elle, orador, toda a responsabilidade da orientação e acção do partido republicano. O Congresso dirá se bem se mal serviu o seu partido e a sua patria. Agora, depois do que se tem passado no Congresso, cumpre-lhe insistir pela sua demissão. Ficará trabalhando pelo partido, procurando tornar cada vez mais estreita a cohesão entre todos os seus elementos.

O snr. dr. Antonio José d'Almeida resumindo por ultimo as suas considerações, diz que não ha duvida que existem no partido republicano varias correntes que não concordam com a attitude e feitio politico do Directorio. Que essas correntes são representadas por pessoas de alto valor, ali presentes, e que já se manifestaram. Que esses homens representavam uma grande parte da opinião republicana, e que, por outro lado, eram incompatíveis, politicamente, com o Directorio, visto que frequentemente lhe manifestavam o seu desaccordo.

A conservação do atual Directorio, portanto, motivaria o retraimento, quando não a dissidencia desses illustres caudilhos. Demitindo-se o Directorio, nenhuma perturbação haveria, visto que os seus membros demitidos se poriam de boa vontade ao lado dos novos eleitos.

Sendo assim, o pedido de demissão era, por parte do actual

Directorio, um dever politico e patriotico, tanto mais razoavel, quanto os seus membros continuariam dedicadamente na actividade combatente.

O snr. dr. Antonio Luiz Gomes, respondendo ao snr. Jacintho Nunes, diz que as razões que levaram o Directorio a apresentar a sua demissão já foram expostas, e elle poderia dispensar-se de as repetir. Ha correntes divergentes no partido, e o Directorio entende que deve retirar-se para que ellas convirjam. Pronuncia-se contra a reeleição, porque isso representaria como que um voto de confiança, e não é d'isso que se trata.

Diz o snr. dr. Germano Martins que não é da maioria nem da minoria. Acata as declarações do Diretorio e aceita a sua demissão.

Entende o snr. dr. Brito Camacho que o Directorio, inspirando-se nos altos interesses do partido, apresentou a sua demissão colectiva; o Congresso, inspirando-se nos mesmos interesses, aceita-lhe a demissão. Ha, e felizmente, no partido correntes divergentes, que o Directorio não pode fundir, e por isso se demitte colectivamente; e porque o Directorio, muito melhor que o Congresso, conhece a vida intima do partido, compete ao Congresso acatar as suas indicações. Mas no Directorio a eleger devem entrar elementos do Directorio demissionario, porque só assim se mantem a continuidade de acção por parte dos altos corpos dirigentes do partido.

Espera que o Congresso, inspirando-se n'esta ordem de ideias, elegerá um novo Directorio que, disciplinando todas as forças do partido, dê largo incremento á obra republicana.

O dr. Antonio José d'Almeida responde ao orador, reforçando a sua argumentação, quanto ao pedido de demissão apresentado pelo Directorio. Diz que no Directorio ha e tem havido sempre, em pontos fundamentaes, perfeita harmonia, mas subsiste a necessidade de escolher novo Directorio. Pelo que lhe diz respeito, pessoalmente, declara que não aceita a realeição.

Seguidamente, o snr. dr. Antonio José d'Almeida apresenta a demissão collectiva do Directorio. Justifica o seu procedimento e dos seus collegas em nome dos superiores interesses do partido. Ha no partido republicano varias correntes, todas ellas animadas do mesmo espirito de democracia republicana e visando os mesmos intuitos patrioticou. O Directorio demitte-se, ficando cada um a trabalhar no seu campo, sempre com a mesma fé e com o mesmo enthusiasmo.

O snr. Ribas de Avelar manda para a meza uma moção que termina assim:

«Resolve que o Directorio do nosso partido e bem assim qualquer dos seus membros não devem occupar-se, nessa qualidade, de funcções que não tenham de ser respeitadas perante as leis vigentes.»

O snr. Ricardo Covões propõe que o Congresso convide o Directorio a retirar a sua demissão, e, caso elle insista nos seus propositos, lh'a não acceite.

O sr. dr. Jacintho Nunes manda para a mesa a seguinte moção:

«O Congresso, ouvidas as explicações dos snrs. drs. Bernardino Machado e Antonio José d'Almeida, e reconhecendo que em todas as votações de caracter politico se tinha pronunciado abertamente em favor do Directorio, significa-lhe a sua inteira e plena confiança e continua na ordem do dia.»

E' approvada a moção do sr. Covões, assim concebida:

«O Congresso do partido republicano resolve não acceitar a demissão parcial ou total do Directorio, exprimindo-lhe assim a sua sympathia e confiança.»

Ficam por tanto prejudicadas as outras moções que havia sobre a meza.

São seis horas. O Congresso resolve que se levante a sessão, marcando-se a seguinte, que será a ultima, para as oito horas.

Quarta e ultima sessão (nocturna)

A's 9 horas da noite, estando a sala com regular concorrencia de congressistas, é proposto para presidir o snr. dr. Jacintho Nunes. Muito aclamado.

O snr. Loureiro envia para a meza uma proposta, creando junto do Directorio uma commissão administrativa encarregada da thesouraria do partido republicano, o que é approvado.

Entra-se na ordem da noite. O snr. dr. Antonio José de Almeida lê o relatorio dos seus trabalhos no parlamento, recebendo uma grande ovação no final.

E' approvada por aclamação uma moção do sr. Ribas de Avellar, dando um voto de louvor aos quatro deputados republicanos.

Entra em discussão a attitude do partido perante os partidos monarchicos, sendo approvada a seguinte moção do snr. dr. Pereira Osorio:

«O Congresso condemna da fórma mais formal qualquer accordo do partido republicano com os partidos monarchicos sobre politica geral e continúa na ordem da noite.»

E' approvada uma proposta do sr. Luiz Derouet, saudando os republicanos e a cidade de Coimbra, resolvendo-se tambem enviar saudações aos vultos mais importantes do partido que não assistira ao Congresso e encerra-se a sessão, no meio de muitos vivas.

O proximo Congresso é em Setubal.

Hoje não se crê, nem na eternidade de todas as ideias, nem na indestructibilidade de todas os principios, nem na immortalidade de quaesquer instituições. A evolução quebrou, para todo o sempre, esses laços indissoluveis da vontade. Os votos da eterna fé, do eterno querer, do eterno sentir são uma aberração monstruosa que arrastam a martyrios nefandos e a cruciantes privações. Hoje busca-se melhorar todas as instituições, modelando-as por um ideal theorico. A força e os costumes, que regravam as sociedades do passado, tendem a abandonar a sua supremacia, cedendo-a, nos tempos modernos, á verdade intemerata dos principios.

VISCONDE DE OUGUELLA.

Alvaro de Mello

O seu fallecimento. O funeral

Pelas 8 horas e meia da noite de domingo ultimo, finou-se nesta cidade esse rapaz cheio de vida e cheio de esperanças, tam conhecido no meio aveirense, onde contava tantos amigos e onde deixou tantas saudades.

A surpreza da triste noticia, espalhou-se rapidamente, causando aos que o conheciam uma impressão funda de consternação e dôr.

E' que Alvaro de Mello, pela elevação dos seus sentimentos, pela nobreza do seu caracter e pela sua dedicada e alegre camaradagem tinha-se imposto ao respeito e á amizade de todos.

Os seus collegas e condiscipulos do lyceu de Aveiro, onde frequentava a 5.ª classe, deram uma prova de quanto o estimavam na manifestação funebre do seu enterro, a que concorreram com todo o sentimento.

O cortejo funebre saiu da casa onde o extincto morava, na rua dos Mercadores, incorporando-se nelle toda a academia, reitor, professores e empregados menores do lyceu, deputações do Club Mario Duarte e Gallitos, director da escola districtal e um grande numero de amigos do saudoso finado. Ao passo de nivel de Esgueira, o caixão coberto com as bandeiras da academia e Club Mario Duarte, foi collocado em carro que o conduziu a Agueda, sendo acompanhado por muitos trens com estudantes e amigos.

Em Paredes organisou-se o cortejo que o conduziu ao cemiterio da villa, onde, junto á sepultura fallaram enaltecendo as virtudes de Alvaro de Mello, os snrs. João Mendonça Barreto, em nome do Club Mario Duarte de que o finado era socio; Alberto Leal, presidente da Academia de Aveiro; Elmano da Cunha e Costa e Alberto Souto.

O funeral foi muito concorrido, vendo-se no prestito o snr. Conde d'Agueda e varios cavalheiros d'aquella villa.

A' passagem do cortejo havia muito povo pelas ruas, correndo lagrimas em muitos olhos.

A chave do caixão foi conduzida pelo sr. Francisco Regalla, muito digno reitor do lyceu.

Na villa, foi o athaude conduzido á mão, por estudantes, organisando-se tambem um turno, para as borlas, pelos snrs. João Mendonça, Francisco Encarnação, Antonio Maia e João Rosa.

Foram depostas tres corôas, violetas brancas, myosotes e malmequeres,—«Ao nosso collega Alvaro de Mello,—os estudantes da Academia de Aveiro», conduzida pelo snr. Alberto Leal; — violetas roxas, rosas chá e martyrios, — «Ao seu inolvidavel consocio Alvaro de Mello — offerece o Club Mario Duarte — Aveiro, 4-5-908», conduzida pelo sr. Lino Marques;—violetas brancas e rosas,—«Saudade do seu engraxador»,—offerecida e conduzida por Manoel Garcia.

O offerecimento desta corôa causou muita impressão, pois representa um grande sacrificio, e uma grande prova de gratidão do pobre Manoel Garcia, o engraxador dos Arcos.

Que descance em paz, o desditoso Alvaro.

Chronica de Cacia

PROPAGANDA REPUBLICANA

Na actual conjunctura só um partido, d'entre tantos, encarna as legitimas aspirações da nossa Patria. Esse partido é o republicano. Sobre elle convergem as attenções e esperanças de todos os verdadeiros portuguezes. Sim, a ninguem é licito, hoje, fazer-se illusões sobre o que poderá advir a esta terra infeliz se, para nosso mal, ainda tivermos que tolerar por mais tempo a ominosa tutella monarchica. Uma nação que ao cabo de 80 annos de constitucionalismo e paz octaviana accusa no seu inventario: uma divida collossal de 800:000 contos, 80 % d'analphabetos, a defeza nacional desorganisada, carencia quasi absoluta de melhoramentos materiaes, um regimen tributario que é uma extorsão, etc., não pode, por mais tempo, supportar o jugo d'um regimen que, fazendo d'ella uma roça, lhe suga o melhor das suas energias.

Que se torna preciso fazer para a sua libertação? Accelerar o advento da Republica.

Qual a forma mais viavel? Activando a propaganda republicana.

O partido republicano carece, pois, de activar, sem detença, a propaganda republicana, não nos grandes centros de população, que esses já estão definitivamente conquistados, mas nas povoações ruraes, unicos reductos onde ainda se refugiam as desmanteladas hostes monarchicas.

Para esse effeito não basta o livro, o folheto, o jornal, o comicio.

Urge, a exemplo do que se pratica na Inglaterra, America e outros povos de grande cultura, dar a alternativa a Edison e Pathé, ou seja ao gramophone e ao animatographo, como meios eminentemente praticos em materia de propaganda. Só assim esta terá o seu maximo effeito util entre populações profundamente analphabetas não sendo para desprezar ainda a apreciavel economia que para os nossos propagandistas representaria em tempo, dinheiro e saude esta innovação entre nós.

O alvitre parece, á primeira vista, risivel, mas nada tem de disparatado como ainda ultimamente o demonstraram, por forma bem frisante, os socialistas inglezes na sua accidentada campanha eleitoral.

Pretenderam os operarios de varias cidades d'Inglaterra fazer *meetings* com a presença de Keir Hardie, chefe do partido socialista inglez. Não tendo este o poder da ubiquidade, como proceder de forma a contentar todos? O gramophone resolveu a ques-

---

Folhetim d'O DEMOCRATA

CARTILHA DO POVO

POR

JOSÉ FALCÃO

Encontro de João Portugal com José Povinho

(Continuação do n.º 10)

O azeite, o vinagre, o vinho, o bacalhau, o café, o assucar, o milho, finalmente todos os teus alimentos são pagos por ti no dobro do seu valor, porque o estado cobra direitos sobre tudo o que te serve d'alimento.

O algodão das tuas camisas, a saragoça das tuas calças, o panno da tua jaqueta, o chapeu com que te cobres, o couro das tuas botas, o ferro da tua enxada, os botões do teu colete, finalmente até o phosphoro com que accendes a tua candeia, é comprado pelo dobro do seu valor, porque o Estado precisa de dinheiro, de muito dinheiro... Pobre innocente! pensavas que pagavas só uma decima, e pagas uma duzia d'ellas! Queres baptisar o teu filho, pagas; queres casar a tua filha, pagas; queres enterrar os teus velhos paes, pagas; julgavas que tinhas a pagar só uma decima, ora vê como te enganas. Um teu mau visinho quer roubar-te na extrema do teu quintal, has de pagar á justiça para não seres roubado, e dá-te por feliz, se, além de ficares roubado não tiveres de pagar as custas do processo.

Queres comprar um pedaço de terra para juntar á tua horta,—pagas ciza, pagas sello, pagas registo, pagas a escriptura. Queres o teu caminho concertado, tens de dar o serviço braçal.

Talvez ainda não saibas que lançaram tambem agora um tributo sobre os cães?

José Povinho

Então quem ha de guardar as nossas eiras e os nossos casaes? Um bom cão de guarda é o melhor ferrolho que póde ter o lavrador. O cão é o amigo do pobre. Por esse andar nem o misero cego, que pede esmola pelas portas, está livre de tributos. Louvado Deus, que até os mendigos vão pagar decima á realeza.

João Portugal

Sabes quem lucra, José? São os ladrões. Em não havendo cão a guardar a porta, até as camisas nos roubam da arca. Agora é que o Povo póde dizer: Preso por ter cão, e preso por não ter cão. Começas agora a perceber o que te leva o Estado?

Esta é a conta do teu dinheiro. Agora vamos á conta das tuas lagrimas e do teu sangue. Prepara-te para me ouvires, e segura o coração no peito.

—Todo o portuguez tem obrigação de ir algum tempo servir a Patria com as armas na mão. A nossa lei, que é feita pelos ricos, obriga todos os annos metade dos mancebos de 21 annos de edade a irem sentar praça; a outra metade fica livre, e manda a lei que a sorte decida quaes hão de ir, e quaes hão de ficar; mas a lei não se cumpre; a lei é uma mentira; os que mandam rasgam-na em seu proveito, e só a applicam ao pobre, quando ella é contra o pobre.

José Povinho

Explica-me então como se passam as coisas.

João Portugal

Imagina uma freguezia onde ficam apurados n'um anno 50 mancebos capazes de servir com as armas; o Estado precisa de 20 para o exercito, que são tirados á sorte; os outros 30 ficam livres em nome da lei. Pensas por ventura que aquelles 20 vão ser soldados?

José Povinho

De certo, pois elles foram apurados como bons para o serviço! Eu, por minha desgraça, já fui soldado.

João Portugal

Illusão. Engano. D'aquelles 20 só vae algum filho do pobre, como tu foste; os outros são declarados livres pela Junta de revisão. Alli os sãos e escorreitos consideram-se aleijados, e ficam livres; aos sadios descobrem-lhes molestias imaginarias, e ficam livres; aos bem conformados declaram-nos rachiticos, e ficam livres; finalmente, aquelles que deviam cumprir a lei calcam-na aos pés; mas como são precisos 20 recrutas, lá vão buscal-os aos 30, que a sorte e a lei isentaram. Com estes repete-se a mesma indigna comedia; e de 50 mancebos capazes de servir nas armas só se apuram 10 desgraçados, filhos do pobre, e que por lei estavam livres quasi todos.

José Povinho

Mas sendo apurados só 10, vem a faltar outros 10 para o exercito. Como se dá remedio a esta falta?

João Portugal

A esta falta não se dá remedio nenhum. O nosso exercito está reduzido a metade da sua força, e a reserva ainda a metade de metade. O anno passado havia 40 mil recrutas em divida.

José Povinho

E se ámanhã houver uma guerra, onde estão os soldados para defender a Patria?

João Portugal

O governo da monarchia não defende a Patria, é feito para defender o monarcha. Os monarchicos não defendem o Povo, defendem o rei. Os que defendem a Patria, e os que defendem o Povo chamam-se republicanos. Mas voltemos ao nosso assumpto, e logo fallaremos da Republica.

(Continua).

tão. N'um dado momento, o *comité* socialista inglez expedia para varios pontos d'Inglaterra gramophones e discos com discursos de Keir Hardie e outros caudilhos partidarios.

Se elles foram uteis ou não, attesta-o a grande representação parlamentar (43 deputados) que os socialistas conseguiram após essa memoravel campanha, representação até então nunca attingida.

Meditem agora as commissões municipaes e parochiaes republicanas do paiz no grande impulso que teria a divulgação do ideal republicano na provincia se cada uma d'ellas imitasse o *comité* socialista inglez. Quantas verdades teria o povo ensejo de ouvir, quantos comicios se poderiam improvisar por esses campos fóra com discursos de Antonio José d'Almeida, Affonso Costa e outros grandes democratas, sem ser forçosa a sua comparencia.

Quanto melhores resultados não daria a reproducção no gramophone do interessante dialogo travado entre *João Portugal* e o *Zé Povinho* do que espalhar a *Cartilha do Povo* do grande José Falcão pelos nossos camponios, na sua maioria analphabetos. Não vejo outro meio de divulgação mais rapido e efficaz; n'um anno a nossa terra ter-se-hia republicanisado como por encanto, se em todos os concelhos existisse tão proficuo instrumento de propaganda. As populações ruraes, a principio attrahidas pela curiosidade, acabariam por se identificar com a sã doutrina de que systematicamente andam arredadas por um regimen que conscientemente as embrutece.

Pensem bem no assumpto os meus correligionarios de todo o paiz, e em especial os da minha freguezia, a quem nada levo pelo alvitre. E quanto aos nescios .. esses que se riam á vontade que d'elles é o reino dos céus.

Cacia, 4—5—908.

Aido de Cima.

Snr. administrador do concelho, os *cães* damnados andam por ahi á vontade com grande risco dos queixos, faces e canellas da humanidade. Lembramos a conveniencia de os exterminar. No orçamento municipal ha de existir verba para compra de uns bolos *doces*...

A *canzoada* bem os merece.

Uma lagrima

(Sobre o feretro de Alvaro de Mello)

«A infalivel expressão do affecto é uma lagrima.»

BYRON.

Morreu-me um amigo e eu chorei. Não poude dar-lhe o abraço derradeiro da ultima despedida, fui dizer-lhe ao cemiterio um adeus sentido de saudade eterna.

Não poude vê-lo ao fechar, para sempre, á luz do mundo, seus olhos ridentes de esperanças e cheios de luz de mocidade; fui vê-lo ao esconder-se na fossa humida da sepultura e ao cair sobre seu corpo inteiriçado o manto voraz da terra amiga.

*

Um grande poeta da Italia chamou á primavera a juventude do anno e chamou á juventude a primavera da vida: *O' giuventù, primavera della vita, ó primavera giuventù dell'ano!* Alvaro de Mello morreu nessa quadra em que desabrocham as esperanças e em que desabrocham as flôres, em que pelos comoros floridos e pelos laranjais olorosos de noivado desfiam suas canções os ternos rouxinoes e em que o coração tambem canta poemas de amor, o poema de amor da juventude, o poema de amor da primavera—sonhos de neve, phantasias de oiro!

«Has de vir comigo a Agueda», disse-me elle tantas vezes, «has de vir comigo a Agueda dar um passeio lindo, vêr uma terra linda!»

E fui. Lá fui com elle—acompanha-lo á sepultura!

Não vês?

Os salgueirais das margens estam todos cobertos de folhas novas, folhas tenras, de verde fresco que se fixa.

As flôres dos nenuphares abrem-se como beijos sobre as aguas que correm mansas, de serenas e graves que correm, banhando os pés dos nenuphares. Amarellos de oiro, sam beijos do sol que no pantano fecundou a flôr; brancos de leite, sam beijos do luar que em noites de ternura vem alli, por sobre as aguas, dizer ás aguas segredos, dizer segredos de amante.

E as sebes dos caminhos! bouquets de rosas vermelhas, singelas, simples, mimosas, carvões incandescidos sobre a verdura palpitante dos silvados.

E o campo! tudo accorda, tudo ri, tudo canta e tudo noiva.

E tu dormes?! Olha que eu vou comtigo, por este caminho lindo!...

E tu dormes?! ó rouxinol não cantes, toma tento não o accordes. Não cantes? Canta, canta rouxinol, elle dorme um somno profundo—não acorda.

*

Iam uns dias de primavera duma pureza immaculada. As manhãs eram gargalhadas de creança que estridulavam sobre a terra a cada sol que se erguia. As tardes, abraços de creança meiga que nos aperta o pescoço com a nervosidade faiscante do astro que se illumina.

A alma delle, era essa mesma aurora, uma explosão calida de amor no levante da vida que sorri. O seu coração era essa mesma tarde que se afoga em cumulos phantasticos de gaze purpurina.

Mas elle emudece no leito da morte e, coincidencia de cabeça de poeta! a manhã surge toldada por um tolde immenso de nuvens de mercurio!

A Natureza quer chorar nos calices bojudos dos golfões das alvercas e na bombazina mosquetada dos viveiros de cynerarias, tremem lagrimas celestes, descidas da nuvem carregada á corolla scintillante.

Mas á tarde, já quando a terra-mãe lhe abriu seu seio de mãe, esse sol escondido veio beijar-lhe as faces de céra e dar-lhe seu ultimo beijo...

*

Matou-o aquelle seu genio meticuloso e soffrego de dedicação. Matou-o aquelle seu genio, sempre em labaredas de paixão violenta, incendida e rara como os fogos dos cometas, que lhe fez esquecer a saude do corpo, para seguir, num allucinamento de extasiação, o ideal fascinante que lhe absorvia o espirito.

Foi tam violento o fogo desse amor, que lhe queimou em horas curtas, toda a energia da sua alma, todas as forças de uma vida de promissão.

*

Esse poeta de fogo que se chamou Byron, em uma das suas mais lindas canções—*A Lagrima*—disse aos seus amigos: «nada de marmores, nada de elogios mentirosos a decorar meu nome, quando morrer! tudo quanto eu peço, tudo o que desejo é uma lagrima.»

As minhas palavras, sobre a memoria de Alvaro de Mello, não sam mais nada que uma lagrima caida dos olhos dum amigo.

Lagrima que vai regar a terra que te abriga, para que te transforme, brevemente, em planta, em flôr, em ave; para que entrando em breve na santa circulação da materia nos venhas sorrir nas folhas verdejantes dos vergeis, nas petalas dos malmequeres dos campos, nas azas coloridas da borboleta, nos corpos ardentes dos insectos, nas pennas subtis da ave carinhosa.

Amigo, aqui tens uma lagrima de saudade!

6—5—908.

ALBERTO SOUTO.

NOTICIARIO

Dr. Alfredo de Carvalho

Partiu para a Ilha das Flores, onde vai exercer o cargo de juiz de direito, o nosso querido amigo snr. dr. Alfredo Monteiro de Carvalho.

Sua ex.ª deixa, na comarca de Anadia, em que foi delegado do procurador regio durante largos annos, muitas sympathias pela sua affabilidade e pelo seu proceder sempre recto e nobre, e espera voltar breve ao continente, onde lhe ficam tantos e tam dedicados amigos.

Que s. ex.ª seja muito feliz e volte em breve é o que do coração lhe desejamos.

José Estevam

Vimos em uma correspondencia d'esta cidade para o *Jornal de Vagos*, que o «Club dos Gallitos», resolveu tomar a iniciativa dos festejos com que Aveiro deverá, em 1909, celebrar o centenario do nascimento do nosso primeiro orador parlamentar. Louvamos o proposito d'esta distincta associação local a cuja actividade e patriotico amôr a nossa terra muito deve.

E urge começar a dispôr já as coisas no sentido de realisarmos aqui festejos que não envergonhem, antes sejam dignos da memoria de um conterraneo tão illustre. Consta-nos que a «Associação Commercial e Industrial», outra muito prestante aggremiação aveirense, resolveu collaborar nos projectados festejos e está tratando dos trabalhos preparatorios para organisação de um numero do programma, o qual será verdadeiramente sensacional no nosso meio.

Dr. Affonso Costa

Esteve em Aveiro, n'esta semana, este distincto caudilho da democracia portugueza o qual veio aqui em serviço da sua profissão de advogado. O talentoso democrata e deputado republicano foi, durante a sua estada em Aveiro, muito cumprimentado pelos seus correligionarios da localidade. Seguiu na quarta-feira, no rapido da manhã, para Lisboa.

Commissão Municipal de Albergaria

Deve ainda durante o presente mez ser installada a Commissão Municipal Republicana de Albergaria-a-Velha. Irá de Aveiro dar posse á Commissão, que fôr eleita, o cidadão vice-presidente da Commissão Districtal.

A acclamação

O *lealismo* monarchico em Aveiro tambem quiz, depois de lhe ter sido superiormente ordenado, dar mostras de si. O dia de quarta-feira foi de *festejo* para as hostes da realesa. Arejaram-se as casacas, os chapeus altos, as condecorações e as luvas brancas. Os monarchicos *convictos* imparam de gôso. Foi a *coisa* teza e rija.

O pavilhão nacional tremulou ao vento em todas .. as repartições publicas; a charanga do Azylo Escola, que é administrado pela camara, fartou-se de soprar, logo ao romper da manhã, o hymno da *carta;* agitou-se innumeras vezes pelo dia adiante, e com grande regosijo da gaiatada brejeira, o badalo municipal; atroaram-se os ares com foguetorio de dynamite e sem elle; houve *apparatoso Te-Deum* na *cathedral* da Gloria; offereceu-se bodo aos pobres e não pobres e realisou-se no salão nobre dos Paços do Concelho sessão solemne em que falaram dois oradores, um progressista e outro regenerador. O Largo da Cadeia embandeirou... á custa da camara. O Lyceu tambem vestiu de galas e, afora isto, o Hotel Cysne, que, dizem-nos, pertence a um hespanhol, tambem se associou á festa, içando o seu pavilhão encarnado.

A' noite, illuminaram:—os quarteis, a camara, o lyceu, e o hotel do hespanhol.

As casas particulares conservaram-se escuras como breu. Das associações locaes nenhuma se manifestou.

Tudo official, puramente official!

O nosso povo, as classes trabalhadoras, desinteressaram-se por completo d'essas festas, que, diga-se, não tinham, não podiam ter cunho de sinceridade.

Os sectarios do regimen diziam estar contentes com o *brilhantismo* dos festejos. Nós tambem gostámos muito. Coisa assim nunca se viu!

E a celebre marcha *aux flambeaux* é que foi *de estrella, bêta e tres assobios!* Na frente da musica dezenas de garotos empunhando archotes; após a musica, quem ia?

Que vissemos, duas ou tres pessoas de mais cotação; o resto, o resto .. Como classificaremos nós o resto? Damos a palavra a um *monarchico* graduado: —«Seriam assim d'estes os que fizeram as taes manifestações de Lisboa!»

A marcha *aux flambeaux* foi o *bouquet* final!... *Finis coronat opus...*

Nota comica:—Quando, antes de começar o *Te Deum*, a orchestra rompeu executando o hymno da *carta*, grande parte da *nobresa* e senhoras presentes, deixaram-se ficar sentadas. Isto fez engulhos, ao snr. Marques Gomes, do governo civil. O honesto monarchico reparando na *irreverencia* começou a agitar-se, a gesticular (quasi se desmanchava!) indicando-lhes que *deviam* levantar-se. Uns fizeram-lhe a vontade levantando-se *exponneamente;* outros, porém, menos monarchicos e mais commoditas, deixaram-se ficar como estavam.

«A Patria»

Acaba de vêr a luz da publicidade, em Ovar, um novo semanario assim intitulado que é orgão do partido republicano d'aquelle concelho. Apresenta-se bem redigido e com excellente e variada collaboração.

Saudamos o novo collega desejando-lhe longa vida e mil prosperidades.

Principio de incendio

Houve-o, ha dias, n'uma casa da travessa da rua Direita, esquina da rua do Loureiro, onde se acha estabelecida a taberna dos Elephantes.

A tempo accudiu a visinhança sendo immediatamente suffocado o fogo, que tivera começo na fuligem da chaminé.

DESPEDIDA

Luiz Peixoto de Magalhães, gerente da casa «Singer» de Aveiro, leva ao conhecimento dos seus numerosos amigos que não podendo estar á testa dos negocios da mesma casa, devido aos muitos afazeres da sua vida commercial no Couto de Cucujães, resolveu fixar ali a sua residencia, ficando em Aveiro a gerir os negocios da companhia, o snr. Manoel de Souza Gouvêa, e eu a gerir como inspector de commissionados e empregados metade do Districto, lado Norte.

Como seria impossivel despedir-me pessoalmente do nobre povo d'Aveiro, que tanto me estimou, faço-o por esta forma, offerecendo os meus limitados prestimos na minha casa do Couto de Cucujães—Oliveira d'Azemeis.

ANNUNCIOS